

Navegação social: gestos, jeitos e sentidos em dois romances de Jorge Amado

*Pedro Mollica da Costa Ribeiro*⁴⁸

Resumo

Este artigo procura explorar um conjunto de atos praticados por distintos personagens que atravessam as narrativas de dois romances do escritor Jorge Amado. O significado e, sobretudo, o feitiço dos recursos lançados pelas mais desprovidas figuras são objeto de discussão no texto. As características do enredo de *Capitães da Areia* e da trama de *Jubiabá* são articuladas às implicações decorrentes do contexto social do lançamento da primeira edição dos dois livros. Na primeira obra, examina-se o sentido das práticas daqueles que estão à margem do eixo principal da sociedade. Na segunda, analisa-se o movimento dos anônimos para superar a imobilidade da miséria em que vivem. Ao final, o paradigma do “jeitinho” é discutido a partir de um exemplo extraído das relações de afeto do escritor como forma de navegação social no Brasil.

Palavras-chave

Sentido; Gestos; Adversidade; Jorge Amado.

1. Introdução

Indagado sobre quais os conhecimentos adquiridos o animavam para a criação de seus personagens, Jorge Amado respondia a uma de suas leitoras:

Só o conhecimento vivido, o conhecimento de dentro pra fora, aquele que não é aprendido nos livros nem na fria observação do fino repórter de faro infalível, só aquele conhecimento que se viveu dia a dia, minuto a minuto, no erro e no acerto, na alegria e na tristeza, no desespero e na esperança, na luta e na dor, na gargalhada e no choro, na hora de descer e na hora de morrer – só esse conhecimento possibilita a criação (AMADO, 1972, p.24).

A dimensão concreta do saber cultivado no dia-a-dia tinha mais a dizer sobre a criatividade da escrita de Amado. Também a oralidade, que se expressa por uma elaboração linguística sem vergonha, foi atribuída por Glauber Rocha como o

⁴⁸ Mestrando em Teoria e Filosofia do Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com experiência docente na Faculdade Nacional de Direito da UFRJ e na Cândido Mendes.

componente de maior vitalidade nos romances do escritor (AMADO, 1971, p.37).

Para redigir *Capitães da Areia* (1937), Jorge Amado revela em *A ronda das Américas*, diário de viagem publicado entre 1938 e 1939, uma aproximação com a vida diária dos grupos de menores:

Vagabundagem lírica, durante seis meses, pelas pequenas cidades dos estados da Bahia e de Sergipe. As crianças abandonadas, que nas cidades do Salvador e Aracaju vivem do furto e de assaltos, iguais a homens, me comoveram e me tentaram como material para um romance. Andei atrás deles, até que me encontrei suficientemente apto a escrever o romance (AMADO, 2001, p.15).

As vibrações da expressão oral e as notas sem formalidades, forjadas pelo convívio com os mais humildes, serviriam de inspiração para a composição do texto do autor baiano. No contexto social específico do ano de 1937, os elementos da produção literária do escritor se deparavam, entretanto, com a ascensão do regime totalitário do Estado Novo.

O romance da malta de jovens abandonados das areias do cais completou 80 anos, desde sua primeira edição publicada pela Livraria José Olímpio (TAVARES, 1983, p.69). Seu lançamento foi logo acompanhado pela proibição de sua distribuição, com apreensões em série nas livrarias do Rio de Janeiro.⁴⁹ Em uma praça pública de Salvador, uma pira com mais de 800 exemplares do livro foi erguida por ordem da Sexta Região Militar no dia 19 de novembro de 1937.⁵⁰ No mesmo ritual de cremação literária, 267 volumes de *Jubiabá* (1935), outro romance de autoria de Amado, também foram reduzidos às cinzas na capital baiana.⁵¹

A cremação assumia não apenas o caráter de censura, mas de purificação das ideias do intitulado credo vermelho até sua completa extinção pelo fogo. Sua mostra pública acompanhava uma insidiosa necessidade de exibição do ideário condenado, a servir de exemplo para a sociedade baiana da época.⁵²

O perfil incendiário de *Capitães* traz da marginalização para o centro da narrativa a evolução do bando de personagens abandonados. Aqueles que poderiam ser

⁴⁹ TÓXICOS do Espírito. O Globo. 08 de Dezembro de 1937. Rio de Janeiro, edição matutina, p.4.

⁵⁰ INCINERADOS vários livros considerados propagandistas do credo vermelho. Os livros de Jorge Amado e José Lins do Rego foram os mais atingidos. Jornal do Estado da Bahia. Salvador, 17 dez. de 1937, p.3.

⁵¹ Ibidem, p.3.

⁵² INCINERADOS na Bahia vários livros considerados propagandistas do credo vermelho. Os livros de Jorge Amado e José Lins do Rego foram os mais atingidos. O Combate. Maranhão, 22 dez.1937, p.4.

tidos como menores desvalidos pela sorte, a praticar furtos, ganham densidade, despreendimento e disposição no interior do grupo em formação.

2. Capitães da Areia: um espaço de desafio à lógica do sistema

Em meio à desgraça e à orfandade social, do conjunto de moleques que surgem regras de convivência mantidas pela liderança de Pedro Bala. Além disso, apenas seus integrantes recebem codinomes no enredo amadiano. Trata-se de “uma lógica de denominação identificada pela diferença” (ANDRADE, 2004, p.91). A construção das características dos membros do grupo segue o ritmo daquilo que difere. Antônio Cândido assinala a composição dessa diferença nas figuras na prosa de ficção em oposição à integração:

A integração é o conjunto de fatores que tendem a acentuar no indivíduo ou no grupo a participação nos valores comuns da sociedade. A diferenciação, ao contrário, é o conjunto dos que tendem a acentuar as peculiaridades, as diferenças existentes em uns e outros (CÂNDIDO, 2011, p. 33).

Um jeito de viver nascerá da dispersão pela distinção nas andanças citadinas de cada personagem, assim como do recolhimento de todos no mesmo local, um trapiche abandonado. “Ali estavam mais ou menos cinquenta crianças, sem pai, nem mãe, sem mestre. Tinham de si apenas a liberdade de correr as ruas.” (AMADO, 2008, p.46). Esta liberdade e aprendizagem tirada de si, da prática de golpes do grupo, afirma uma estratégia de sobrevivência para a superação cotidiana da precariedade. O risco assumido parece se inscrever na busca dos menores para transcender a condição miserável em que vivem (GOMES, 1998, p.54).

O campo de ação estratégico dos excluídos vai incorporar uma atuação conjunta que se distingue dos demais grupos sociais. Os diversos quadros do romance são antecedidos por um prólogo que abre matérias de jornais de repulsa aos capitães. A reação pública nessas reportagens mostrará um pouco da formação de um pequeno grupo que concorre com o aparelho do Estado centralizador. No plano de percepção de Gilles Deleuze e Félix Guattari, as maltas e os bandos também apresentariam uma configuração rizomática que, por sua vez, seria distinta da formação e dos alicerces sob os quais se erguem as sociedades centralizadas:

As maltas, os bandos são grupos do tipo rizoma, por oposição ao tipo arborescente que se concentra em órgãos de poder. É por isso que os bandos em geral, mesmo de bandidagem, ou de mundanidade, são metamorfoses de uma máquina de guerra, que difere formalmente de qualquer aparelho de

Estado, ou equivalente, o qual, ao contrário, estrutura as sociedades centralizadas (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.16).

A trama da formação rizomática do grupo de menores seria publicada em setembro de 1937 (TAVARES, 1983, p.32), pouco antes da instauração do Estado Novo em 10 de novembro de 1937. Haverá uma tensão entre o confinamento e a liberdade. O contraste entre o reformatório e a formação paralela da gangue oferece narrativas da dissociação entre duas estruturas.

As práticas dos menores no enredo se expressavam por linhas de ruptura, vetores de desorganização em pleno regime varguista. O sentido traçado por essas linhas de fuga não se desenvolve, entretanto, apenas no sentido escapatório, como se nota no alerta de Deleuze: *“Fugir não é renunciar as ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano”* (DELEUZE; PARNET, 1998, p.30).

Os golpes, furtos e artimanhas do segmento de menores, à margem do Estado, se não ofereciam outra lógica ou ruptura do sistema, pareciam apresentar a procura da transição das contingências. Nas revoltas da marginalidade dos menores, porém, estava a busca pela felicidade.

3. O sentido mais elevado das práticas da margem

Outros artistas, assim como o escritor, já quiseram homenagear essa busca por traz do comportamento de revolta do indivíduo marginal, como revela textualmente Hélio Oiticica:

Eu quis homenagear o que penso que seja a revolta individual social: a dos chamados marginais. Tal ideia é muito perigosa, mas algo necessário para mim: existe um contraste, um aspecto ambivalente no comportamento do homem marginalizado: ao lado de uma grande sensibilidade está um comportamento violento e muitas vezes, em geral, o crime é uma busca desesperada por felicidade (OITICICA, 1968 apud SCHOLLHAMMER, 2008, p.60).

A série de trabalhos artísticos de Oiticica, empreendidos ao longo da década de sessenta (OITICICA, 1986, pp.19-83), deram origem ao movimento cultural conhecido como Marginalia, sintetizado pela frase estandarte “seja marginal, seja herói”⁵³. O artista plástico também escrevera sobre o sentido da revolta visceral dos anti-heróis do

⁵³ Disponível em: < <http://tropicalia.com.br/ruidos-pulsativos/marginalia> > Acesso em: 15 jan.2018.

anonimato.⁵⁴ Símbolo da opressão social dos anos de chumbo, seu trabalho artístico intitulado “Homenagem a Cara de Cavalo” destacava a estética de uma sociedade que perseguia notórios marginais, tanto quanto marginalizava aqueles que não eram lembrados.⁵⁵ No caso, entretanto, do romance daqueles que dormiam no trapiche abandonado uma ambivalente e suposta delinquência chegará a promover a libertação de um objeto, dos mais sagrados.

No capítulo Aventura de Ogum, uma batida policial apreende a imagem do orixá do altar de um templo de candomblé, para a angústia da yalorixá Don’Aninha. Seu clamor ardia de indignação, assim como queimaram páginas daquela trama em Salvador:

Não deixam os pobres viver... Não deixam nem o deus dos pobres em paz. Pobre não pode dançar, não pode cantar para seu deus, não pode pedir uma graça a seu deus – sua voz era amarga, uma voz que não parecia da mãe de santo Don’Aninha. – Não se contentam de matar os pobres de fome. Agora tiram os santos dos pobres... – e alçava os punhos (AMADO, 2008, p.97).

O lamento da mãe de santo destaca, sobretudo, aquilo que Jorge Amado descreverá como “imprecações contra os ricos e a polícia” (AMADO, 2008, p.97). Mas a cena do confisco da imagem receberá uma reviravolta pela engenhosidade em meio à clandestinidade. Um ilustre professor da faculdade de medicina, procurado pela personagem, pretendia recuperar o objeto de culto apenas para sua coleção de ídolos negros e não para restituí-lo ao altar religioso de onde havia sido retirado (AMADO, 2008). Porém, apenas o líder dos delinquentes, Pedro Bala, consegue reaver a imagem sagrada.

A façanha só é possível porque o próprio personagem, propositalmente, se deixa ser detido por um policial. Após encontrar a representação de Ogum próxima à sala dos detentos, em meio a outros itens, provenientes da prática dos mais diversos crimes, o líder dos capitães da areia realiza uma proeza audaciosa. Furtivamente, Pedro Bala consegue ocultar a pequena imagem do Orixá em um paletó para sua retirada da sede policial. Posto em liberdade, à margem de tudo, apenas assim a restituição do objeto sagrado torna-se possível ao povo de santo.

⁵⁴ OITICICA, Hélio. Heróis e Anti-Heróis. Diário de Notícias. Segunda Seção. Rio de Janeiro, 10 abr.1968, p.3.

⁵⁵ Disponível em:

<<http://54.232.114.233/extranet/enciclopedia/ho/index.cfm?fuseaction=documentos&cod=145&tipo=2>>
Acesso em: 21 jan. 2018.

Subsiste, assim, algo mais elevado do que o simples furto no risco assumido pelos personagens da trama (DUARTE, 1996, p.115). O jeito para lidar com carência de recursos e de acesso à formação básica será a transgressão e a clandestinidade. Professor tungará e surrupiará livros para recontar suas histórias aos companheiros de orfandade:

João José, o Professor, desde o dia em que furta um livro de histórias numa estante de uma casa na Barra, se tornara perito nestes furtos. Nunca, porém, vendia os livros, que ia empilhando num canto no trapiche, sob tijolos, para que os ratos não os roessem. Lia-os todos numa ânsia que era quase febre (...) no entanto, só estivera na escola ano e meio. Mas o treino diário da leitura despertara completamente sua imaginação e talvez fosse o único que tivesse uma certa consciência do heroico das suas vidas (AMADO, 2008, p. 32).

4. Jubiabá: raízes das narrativas para a superação da precariedade

Capitães da Areia terá pontos de contato acentuados com um romance antecedente do escritor. Publicado um ano antes de Raízes do Brasil, Jubiabá (1935) abre a temática do grupo de moleques de rua, liderados por sua vez pelo protagonista, Antônio Balduino.

Trata-se de um dos primeiros enredos da literatura brasileira a projetar um afro-brasileiro como personagem principal. Baldo age muitas vezes emanado por puro instinto, tangido pelo ímpeto das vibrações do coração desde o início do texto, ao atuar como boxeador. Traços da cordialidade apontada por Sérgio Buarque, no sentido da orientação pelo coração, já transbordavam na ativa postura da figura principal do texto, pelas sete fases de sua travessia contada.

Como esclareceu o escritor de Raízes do Brasil em carta a Cassiano Ricardo, a raiz etimológica da cordialidade⁵⁶, traço da formação social brasileira, se expressa pelos dois extremos do coração. “A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, visto que uma e outra nascem do coração, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado” (HOLANDA, 2007, p. 205).

A disposição que habita no peito do protagonista desata um jeito autodidata para comprar um sapato novo que encontrara na feira da Água de Meninos. Nos caminhos da malandragem inventaria canções extraídas do seu íntimo, contando apenas com seu chapéu de palha como percussão: “*Muitas vezes, quando andava pelas ruas da cidade nos seus passeios malandros, ele começava a bater num chapéu de palha uma música*

⁵⁶ Do latim *cor, cordis*: cordialidade (TORRINHA, 1945, p.322).

que inventava e ia cantando uma letra, tudo tirado de sua cabeça” (AMADO, 2016, p.80).

Uma dupla dessas músicas seria vendida no silêncio da informalidade a um poeta que já contava com certa notoriedade nas rádios. Sem acesso aos meios de comunicação da época, Antônio Balduino nem desconfiaria da grande recepção de seus sambas nas mais escutadas estações. Os créditos e a autoria dessas composições, entretanto, seriam atribuídos integralmente a quem os comprou⁵⁷ quase pelo preço do par de pisantes da histórica feira de Salvador (AMADO, 2006, p.80-81).

Já o ingresso do principal personagem do romance nos picadeiros decorreria apenas de contrato verbal que prometia *“casa, comida e dinheiro quando houvesse dinheiro”* (AMADO, 2006, p.194). O Grande Circo Internacional estava na lona, sem recursos. Quando se deparou com a escassez da companhia circense, conhecendo um dos sócios, Baldo seria indagado por uma das integrantes acerca do motivo pelo qual teria se metido na empreitada, apesar da ausência de recursos:

- (...) Mas porque veio se meter aqui? Aqui não tem dinheiro...
- Vim para servir a um amigo... – bateu no ombro de Luigi - um amigo certo...
- Ah, só se for assim (AMADO, 2006, p.196).

A opção paralela, do vínculo sem compromisso, era sustentada na escassez pelo *“poder livre e desimpedido dos laços de amizade e compadrio”* (DAMATTA, 1997, p.149). A incerteza, a falta de estrutura, a ausência de condições de vida, todas essas incidências marcavam a dura realidade. Porém, o desafio da superação das circunstâncias ganhava certo alento a partir do lado positivo do companheirismo.

Seria necessário contornar a difícil situação financeira do circo. Uma luta na arena central do picadeiro com a participação do grande lutador Balduino, o gigante negro, seria anunciada. A promessa incorporava o pagamento de cinco contos de reis, na arena central do picadeiro, a quem desafiasse e vencesse a nova atração da companhia.

Indagado com insistência sobre três meses de salários atrasados devidos à trapezista, o dirigente do circo apelava ao argumentar para a integrante se equilibrar por amor a arte ou pelo valor das palmas:

- Também você só sabe pedir dinheiro... E a arte não vale de nada? No meu tempo a gente ganhava pelas palmas, pelos aplausos, pelas flores. Flores, está ouvindo? Flores... Eram as moças que jogavam flores. Lenços bordados... Eu podia ter uma coleção se quisesse... Mas eu não ligo para essas coisas. Naquele tempo se pensava em arte. Um trapezista era um trapezista... (AMADO, 2006, p. 197).

⁵⁷ Nas ladeiras do morro, a venda das modinhas e sambas dos malandros aos sambistas célebres também é contada em Capitães da Areia (AMADO, 2008, p. 167).

Assim, o protagonista de Jubiabá prescinde de qualquer formalidade, mesmo sem contar com o prometido vintém, até a dissolução da companhia circense. A amizade o movia a permanecer no primeiro momento. Ao fim, seu desprendimento atravessaria igualmente os impulsos do coração. A busca pela felicidade acompanhava o olhar da bailarina Rosedá:

Rosenda Rosedá olhava lá de trás o negro Antônio Balduino. Não havia cinco contos, não havia nem salário, mas havia o corpo quente de Rosedá, a incomparável. E Balduino se sentiu feliz. Se conseguisse ser o chefe da euterpe estaria completamente feliz (AMADO, 2006, p. 213).

Num ritmo alternativo, o protagonista se lança e se adapta sem ritos. Com o mesmo ímpeto, experimenta uma figuração no circo e subirá aos ringues, apenas com a “rebeldia como meio e a procura como fim” (DUARTE, p.78, 1996). Apesar de não personificar propriamente o arquétipo do malandro, Balduino, que já vivera nas ruas, atravessará a carência e a miserabilidade inspirado por forte senso de desapego. Assim como a figura folclórica de Pedro Malasartes, transformará “a imobilidade da miséria numa venturosa vida de viajante sem pouso nem casa” (DAMATTA, 1983, p.70).

5. O sentido dos gestos do protagonista como expressão do movimento dos anônimos

Tão logo lançado em 1935, o romance do órfão, boxeador e poeta de A.B.C.⁵⁸ já era enaltecido por aquilo que parecia sintetizar o movimento corporal por conta própria das figuras do enredo, sem qualquer manipulação: “*Um grande sopro poético atravessa o livro dando-lhe extraordinária beleza. As figuras são vivas. Movem-se por conta própria, se movimentam, sem que ninguém puxe seus cordéis*”⁵⁹.

O deslocamento age como recurso à má sorte que tange o personagem central desde sua infância vivenciada no morro do Capa Negro. A imagem da mola, como elemento que dá flexibilidade e caracteriza a narrativa, já foi atrelada à própria ação de Baldo, que precisará se esquivar dos golpes das adversidades:

A rapidez com que o personagem se desvia de um golpe para desfechar outro logo em seguida se insere na dimensão de intensa mobilidade que o caracteriza em toda a narrativa. A imagem da mola é significativa não apenas do gesto decisivo para a definição do combate inicial, mas aponta para o procedimento básico de condicionar os constantes deslocamentos a vitória nas lutas maiores

⁵⁸ As canções em formato A.B.C. compostas pelo personagem eram formadas por quadras que se iniciavam por uma letra do alfabeto (AMADO, 1972, p.48).

⁵⁹ JUBIABÁ o novo romance de Jorge Amado. A Manhã. Rio de Janeiro, 08 nov. 1935. p. 16.

que irão se seguir. Metáfora privilegiada, a mola representa a positividade impulsionadora que move Jubiabá e aponta para de percurso ascensional entranhada na própria estrutura do romance. Quanto a Balduino, a agilidade não está só no corpo do personagem ou nos vários papéis que desempenha (DUARTE, 1996, p.78).

Albert Camus em 1939 também receberia com entusiasmo o livro de Amado de 1935. Dentre outras, sua crítica ao texto destaca uma combinação de gestos e um movimento que por si só dispensa qualquer comentário:

Que ninguém se engane. Não se pode falar em ideologia num romance onde toda a importância é dada à vida, isto é, a um conjunto de gestos e gritos, a uma harmonia entre impulsos e desejos, a um equilíbrio do sim e do não e a um movimento apaixonado que dispensa qualquer comentário (CAMUS, 1939 apud RAILLARD, 1990, p.120).

A história social lida principalmente com o sujeito que dá movimento à própria história e ao coletivo (FRAGA FILHO, 2004, p. 92). O indivíduo não é encarado como passageiro dos acontecimentos no contexto em que vive. O historiador social começará, sobretudo, a buscar a riqueza das fontes de pesquisa dos chamados atores anônimos:

Os olhares começam a se voltar para atores anônimos, que efetivamente fizeram sua história, mas não deixam registros convencionais, ou neles aparecem como objetos de discursos de forças hegemônicas. Assim, camponeses, operários, mulheres, crianças, velhos, loucos, enfermos, prostitutas, vadios, marginais, revolucionários e desordeiros ingressam nas narrativas históricas (SILVA, 2015, p.45).

A perspectiva dos excluídos, marcados pelas contingências historicamente constituídas, das margens do sistema social assume um sentido no centro das narrativas amadianas. A negativa das condições materiais de vida que atravessam as figuras dos dois romances abordados não os impede, entretanto, de assumir um sentido afirmativo. A prosa de ficção de Amado adquire, assim, pontos de contato com a proposta de vanguarda da historiografia, ao enxergar o movimento dos mais humildes de forma ativa.

Esse movimento assumirá o viés da paixão matizada por um conjunto de gestos que desliza pelas páginas de Jubiabá. O feito da luta dos personagens, com maleabilidade e a transgressão das convenções sociais, será narrado. A lógica de uma formação paralela às verticalizações do sistema e as estratégias para superação da precariedade serão traçadas. Este leque de ações que se abre na leitura dos dois romances traz a lume novos significados do sentido do jeito incorporado pelos vulneráveis. A representação literária dessa dinâmica, contudo, não foi forjada sem a observação dos exemplos do dia-a-dia.

6. Um exemplo extraliterário do escritor sobre o paradigma do “jeitinho”

Em entrevista concedida a Folha de São Paulo, Jorge Amado acentuou a importância da presença do paradigma do “jeitinho” na vivência brasileira, a partir de um exemplo de afeto nutrido por seu filho⁶⁰:

- "O jeitinho" sempre foi criticado. A mudança, o "não-jeitinho", não estaria levando a nada melhor. É isto?
- A nada, nada, nada. A pequena transgressão da lei é sempre necessária. A lei às vezes é ruim. Eu sempre desobedeci à lei.
- Exemplos, por favor.
- Quando meu filho João nasceu, eu e Zélia não éramos casados. Ela separada e eu desquitado. Não havia divórcio. Não podíamos nos casar. O filho desse casamento era adúlterino. Eu fui ao cartório, registrei João como filho legítimo e estava cometendo um crime. Pouco me importava. O que importava era o menino.

Esta amostra retirada da realidade das relações de afeto questiona a adesão irrefletida a uma legislação impregnada por contradições. Não se trata de apologia à transgressão em todos os momentos. Há, entretanto, uma proposta para contornar determinadas situações de proibição. Como já assinalou Roberto DaMatta, Jorge Amado expressa por conta própria ou por meio de seus personagens uma atitude hedonística e aberta diante dos fatos da vida e da sociedade (DAMATTA, 1983, p.18).

Uma das facetas do vocábulo “jeitinho” já foi identificada no modo de realizar a superação de uma série de ambiguidades na aplicação de uma legislação específica a determinado caso, com implicações nas instâncias pessoais e impessoais:

O “jeito” é um modo e um estilo de realizar. Mas que modo é este? É lógico que ele indica algo importante. É, sobretudo, um modo simpático, desesperado ou humano de relacionar o impessoal com o pessoal; nos casos – ou no caso – de permitir juntar um problema pessoal (atraso, falta de dinheiro, ignorância das leis por falta de divulgação, confusão legal, ambiguidade do texto da lei, má vontade do agente da norma ou do usuário, injustiça da própria lei, feita para uma dada situação, mas aplicada universalmente etc.) com um problema impessoal. Em geral, o jeito é um modo pacífico e até mesmo legítimo de resolver tais problemas, provocando uma junção inteiramente casuística da lei com a pessoal que a está utilizando. O processo é simples e até mesmo tocante (DAMATTA, 1986, p.66).

⁶⁰ AMADO, Jorge. *Fim do jeitinho só piora o país*. Folha de São Paulo, 24 abr.1994. Entrevista concedida a Bob Fernandes.

Disponível em: < http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/4/24/revista_da_folha/8.html >. Acesso em: 16 jan. 2018.

Como estilo de navegação social (DAMATTA, 1986, p.63) os exemplos da expressão do “jeitinho” indicam que não há uma fórmula síntese, positiva ou depreciativa, para expressar um processo que advém da consistência prática do dia-a-dia. As narrativas literárias de Jorge Amado, inspiradas nas situações do cotidiano, refiguram os sentidos que acompanham as diversas acepções dos jeitos que marcam as potencialidades do real.

7. Considerações finais.

As etapas da vida dos protagonistas dos dois romances abordados já foram interpretadas na chave da tomada de consciência da luta de classes e da formação do processo histórico. O sentido da trajetória das duas figuras só se revelaria no desenlace dos capítulos finais dos dois livros. O papel de liderança assumido por cada qual nos dias de greve seria o ponto de chegada dos dois romances (GOMES, 1981, p.119). Balduino e Pedro Bala teriam em comum, assim, o paralelo da aprendizagem que os levaria da malandragem à militância, da infância lúmpen à luta proletária (DUARTE, 1996, p.112-113).

Todavia, o foco das narrativas suscitadas ao longo deste artigo procurou lançar novos significados da vivência dos dois personagens bem antes das seções finais das duas obras. O sentido dos gestos, dentre as distintas expressões dos recursos da subjetividade dos mais vulneráveis, procurou ser descortinado na tessitura dos diálogos selecionados. As peregrinações pelas ruas, longe de uma busca peripatética ou alienada do valor social dos diversos tipos criados por Jorge Amado, expressa a resiliência nômade na superação da imobilidade da miséria.

A reflexão sobre o significado dos atos das mais desprovidas figuras também foi realizada no texto por dois ângulos. Sob a perspectiva da revolta dos anti-heróis do anonimato caracterizada por Oiticica⁶¹, assim como sob o prisma do movimento dos chamados atores anônimos investigados pela historiografia social (SILVA, 2015, p.45).

O paradigma da cordialidade, traço da formação social brasileira relacionado ao coração (HOLANDA, 2007, p. 205), foi articulado aos impulsos do afeto e desafeto,

⁶¹ OITICICA, Hélio. Heróis e Anti-Heróis. Diário de Notícias. Segunda Seção. Rio de Janeiro, 10 abr.1968, p.3.

matizado pela esquiva das convenções sociais protagonizadas por Balduino. O exemplo formulado por Amado, como amostra das múltiplas formas de expressão do “jeitinho”, revela uma faceta dessa espécie de navegação social (DAMATTA, 1983, p.63) que procura contornar os impasses derivados de situações específicas de proibição.

A lógica da formação paralela às verticalizações do sistema, evidenciada no interior do grupo dos capitães, sugere a incorporação de um campo de contrapoder às estruturas centralizadas do Estado. Pelas beiradas do sistema, um jeito de levar a vida se expressa pela edificação criativa dos expedientes encontrados nas duas histórias contadas por Amado.

No silêncio da informalidade, quem pouco tem seguirá seu ritmo para tapear o rigor de uma sociedade que marginaliza as diferenças. Para lidar com a má sorte, será preciso descobrir o truque que permite a dobra dos rigores de cada situação de proibição social específica. No campo minado pela falta, há de existir uma fissura para aqueles que procuram contornar as adversidades.

Referências:

AMADO, Jorge. *Cidades do Brasil*. A Manhã, Rio de Janeiro, 15 set. 1935, p. 3.

AMADO, Jorge. *Jorge Amado Povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1972.

AMADO, Jorge. *"Fim do jeitinho só piora o país"*. Folha de São Paulo, 24 abr.1994. Entrevista concedida a Bob Fernandes.

Disponível em: < http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/4/24/revista_da_folha/8.html >. Acesso em: 16 jan. 2018.

ANDRADE, Celeste M. P. de. *Capitães da Areia: o texto literário entre a história e a ficção*. In. RAMOS, Ana Rosa N. et al. *Capitães da Areia II curso Jorge Amado* Salvador: Fundação Casa Jorge Amado, 2004, p. 83-93.

RAILARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 12 ed. Rio de Janeiro: Outro Sobre Azul, 2011.

GOMES, Álvaro C. *Jorge Amado*. Coleção *Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1981.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. *Dona flor e seus dois maridos: um romance relacional*. Revista Tempo Brasileiro. Jul.- Set; Rio de Janeiro: 1983, p.3-31.

DAMATTA, Roberto. *O que faz do Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araujo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FRAGA FILHO, Walter. *Meninos vadios, moleques e peraltas na Bahia oitocentista*. In. RAMOS, Ana R. N. et al. Capitães da Areia II curso Jorge Amado Salvador: Fundação Casa Jorge Amado, 2004, p. 61-82.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

INCINERADOS na Bahia vários livros considerados propagandistas do credo vermelho. Os livros de Jorge Amado e José Lins do Rego foram os mais atingidos. O Combate. Maranhão, 22 dez.1937.

INCINERADOS vários livros considerados propagandistas do credo vermelho. Os livros de Jorge Amado e José Lins do Rego foram os mais atingidos. Jornal do Estado da Bahia. Salvador, 17 dez. de 1937.

JUBIABÁ o novo romance de Jorge Amado. A Manhã. Rio de Janeiro, 08 nov. 1935. p. 16.

OITICICA, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

OITICICA, Hélio. *Heróis e Anti-Heróis*. Diário de Notícias. Segunda Seção. Rio de Janeiro, 10 abr.1968, p.3.

SILVA, Paulo Santos. *O romancista como historiador: Jorge Amado e a história*. In. FRAGA, Myriam; FONSECA, Aleilton; HOISEL, Evelina [organizadores]. Jorge Amado: política e literatura. Salvador: Casa de Palavras, 2015, p. 35-50.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo*. In: DALCASTAGNÈ, Regina [organizadora]. Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. Vinhedo: Horizonte, 2008.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário português-latino*. 2 ed. Porto: Editorial Domingos Barreira, 1945.

TÓXICOS do Espírito. O Globo. Rio de Janeiro, 08 de dez. 1937, edição matutina, p.4.